

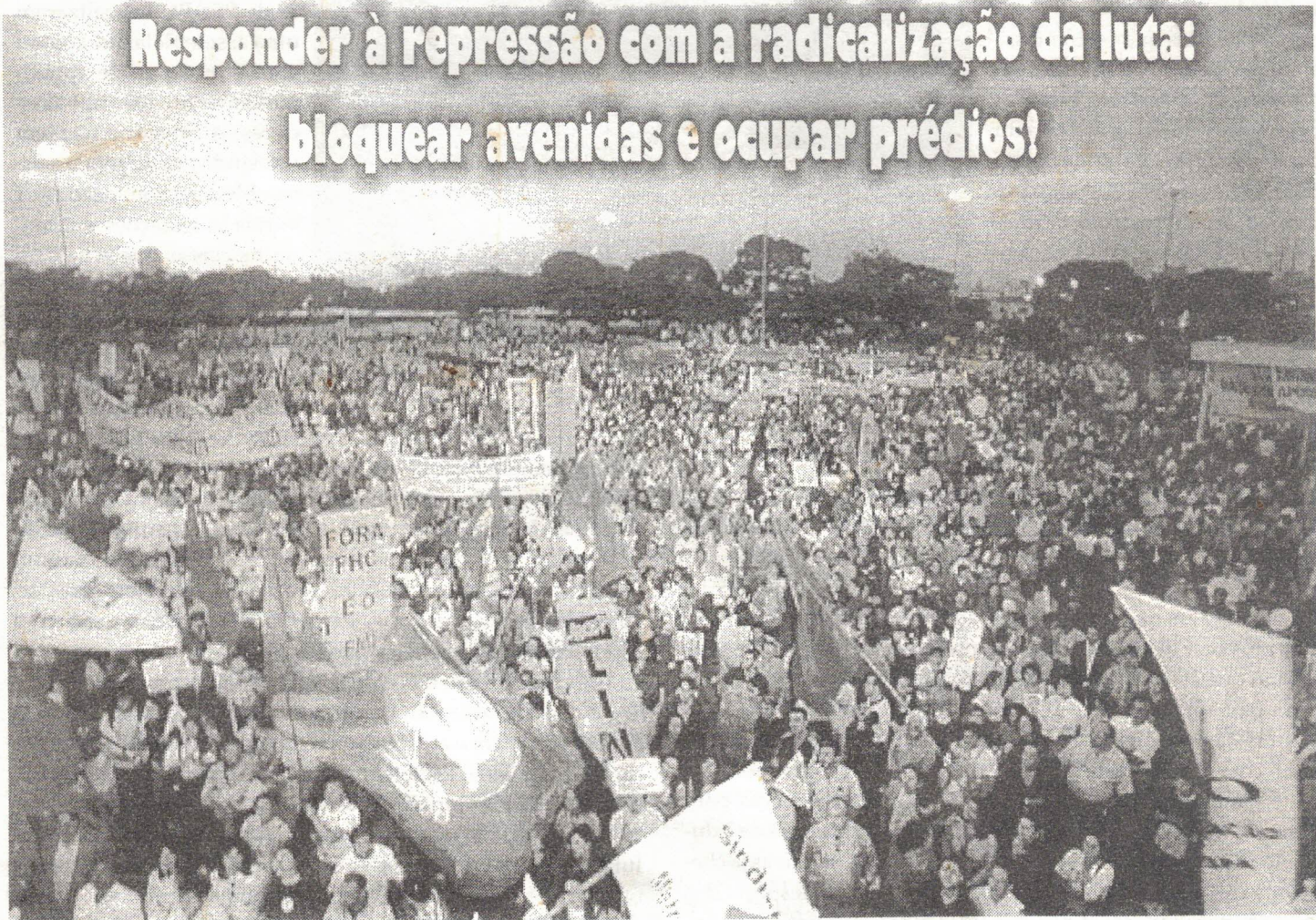
EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO QUINZENAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO XI - Nº 193    1ª QUINZENA DE JUNHO DE 2000 - R\$ 1,00

**A greve dos professores, universidades e funcionalismo  
depende da capacidade de derrotar Covas. Isto quer dizer:  
Unir o movimento com assembleia, comando e pauta unificados!**

**Responder à repressão com a radicalização da luta:  
bloquear avenidas e ocupar prédios!**



**O POR é atacado na imprensa burguesa (Revista Época e Estadão).  
Nossa resposta: sim, defendemos a radicalização da luta contra o governo;  
e mantemos bem alta a defesa do comunismo contra a podridão capitalista!**

**Continua a luta revolucionária na Bolívia**

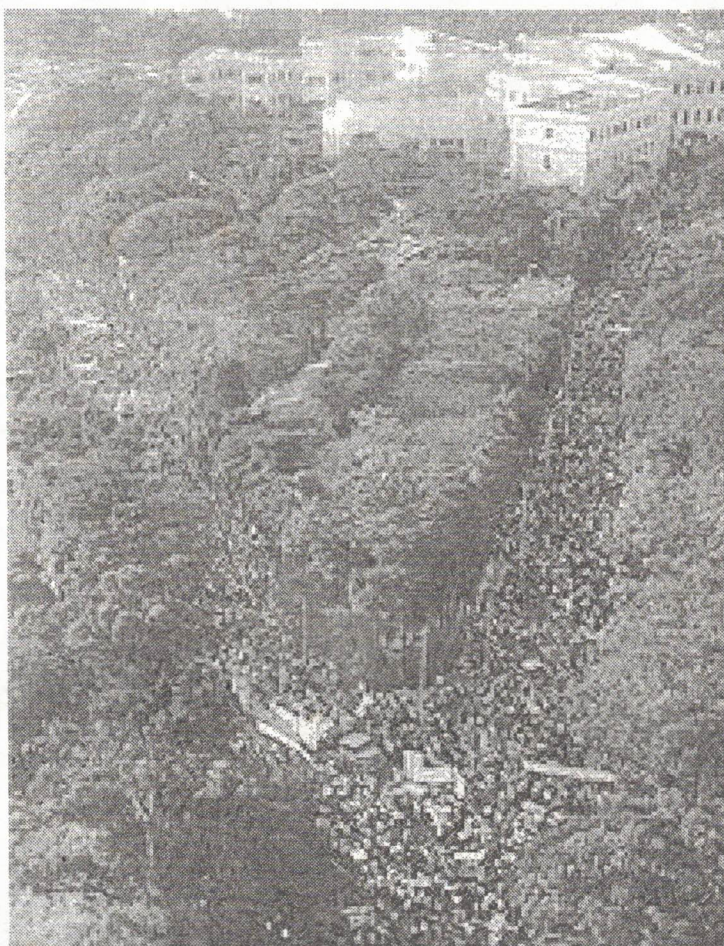
# Quinzena de luta do Movimento Operário

## GREVE DOS PROFESSORES DE SÃO PAULO

A greve dos professores da rede estadual de ensino de São Paulo já passou de um mês. Iniciada em 2/5 e tendo se realizado várias assembléias, a mobilização tem ganho cada vez mais a adesão dos educadores que ainda não haviam decidido cruzar os braços. A cada assembléia, o número de manifestantes aumenta e percebe-se que a greve está se transformando em um movimento de massa contra o governo e a aplicação das medidas neoliberais que estão massacrando os trabalhadores, destruindo os serviços públicos, principalmente as áreas de educação e saúde para poder continuar entregando a economia do país ao capital parasitário internacional. Os professores até agora têm demonstrado uma enorme disposição de luta e aprovado propostas contrárias à vontade da direção burocrática do sindicato e parecem dispostos a quebrar a intransigência do governo.

## GOVERNADOR DE SÃO PAULO, MÁRIO COVAS, PROVOCA PROFESSORES EM GREVE E ACABA TOMANDO UMA SOVA

No dia 1/6, o governador de São Paulo, Mário Covas, resolveu provocar deliberadamente professores da rede estadual de ensino que estão em greve desde o dia 2/5 e que mantêm um acampamento em frente à Secretaria da Educação, na Praça da República desde o dia 12/5. Com a desculpa de que ia despachar com a Secretária da Educação, Covas chegou ao local acompanhado de aproximadamente quinze seguranças para furar o bloqueio das entradas principais da Secretaria da Educação feito pelos manifestantes. Os seguranças de Covas já chegaram destruindo as barracas dos acampados. A resposta dos trabalhadores foi imediata e começaram a enfrentar os seguranças, bem como os policiais militares que já estavam de plantão no local, utilizando-se de pedras, paus, limões, laranjas, e outros objetos, num confronto que acabou deixando um galo na testa e um corte no lábio do arrogante e truculento governa-



*Manifestação no Palácio dos Bandeirantes em São Paulo*

dor. Com era de esperar, após a saída de Covas do local, a polícia militar começou a efetuar as perseguições e acabou prendendo três professores que, sem nenhum temor, enfrentaram o aparato repressivo do estado burguês.

## JUDICIÁRIO ESTADUAL DE SÃO PAULO DECIDE FAZER UM DIA DE GREVE

No dia 1/6, os judiciários de São Paulo realizaram uma assembléia que contou com a presença de aproximadamente 400 trabalhadores. A categoria não tem um sindicato de luta e a assembléia foi convocada por várias associações existentes na classe, que já haviam se reunido com a presidência do Tribunal de Justiça e iniciado uma 'negociação' em torno de uma pauta que elas mesmas elaboraram à

margem dos trabalhadores. Pressionadas pelas bases e para fazer demagogia junto ao Tribunal, as direções das associações tinham como objetivo apenas fazer um dia de protesto. A assembléia decidiu transformar o que seria um simples dia de protesto, sem nenhuma organização, sem nenhuma continuidade e sem nenhuma força para arrancar do governo as perdas salariais da categoria, em um dia de greve geral com assembléia na Praça João Mendes para o dia 14/6, em frente ao principal prédio da categoria. Formaram um comando de organização e exigiram que as associações façam uma ampla convocação para o ato. No momento em que várias categorias do funcionalismo estão em greve por tempo indeterminado, enfrentando a repressão fascista e a intransigência do governador Covas, entendemos que é fundamental a unificação das lutas, de fato, com todas as categorias em greve, radicalizando os métodos de luta com ocupações, bloqueios etc., até dobrar o governo e arrancar as perdas salariais. Nesse sentido, entendemos que os trabalhadores do judiciário precisam deflagrar a greve geral dos judiciários por tempo indeterminado e juntar suas forças aos demais servidores públicos que estão para-

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

# Governos FHC/Covas mantêm inúmeros presos políticos

O MST tem sofrido uma severa repressão por parte do governo FHC. Agora, Covas armou uma situação para prender grevistas. São inúmeros os presos políticos sob o "regime democrático" da burguesia. A miséria e a fome crescem com o desemprego, o salário mínimo de 151 Reais, as perdas salariais e a expulsão dos camponeses de suas terras.

Tudo indica que os efeitos das reformas pró-imperialistas serão ainda mais drásticas.

Os explorados são obrigados a sair à luta e confrontam-se com o governo obstinado a aplicar sua política de miséria. O poder burguês não pode atender as exigências dos movimentos e atua com a tropa de choque, a polícia política e o judiciário.

Trata-se do recrudescimento da luta de classe, que obriga a burguesia defender seus interesses à base da violência reacionária.

A tarefa que se coloca, na situação, é

a de organizar o movimento de massa, que radicalize os métodos da luta coletiva. Somente o movimento de massa estruturado pelas bases (assembléias, comitês, frentes de luta) pode reagir aos ataques repressivos e avançar contra o poder da burguesia.

A campanha pela libertação dos presos deve fazer parte da luta de massa. O POR se empenha na tarefa do MST de libertar os presos políticos.

## Revista Época comenta sobre o Partido Operário Revolucionário (POR)

Na página 19, a revista Época, de 5/6, N. 107, Carta do Editor, publicou-se a foto do governador Mário Covas rodeado de seguranças e sendo rechaçado pelos grevistas do acampamento, com a seguinte legenda: "mais um duelo com militantes do Partido Operário Revolucionário". A matéria tem por objetivo incentivar e justificar repressão ao POR, bem como a todos aqueles que tenham posição revolucionária no interior da greve. Posição revolucionária quer dizer trabalhar para que a greve se dirija contra o governo burguês, antinacional e antipopular, e que se apóie no movimento de massas. Atribuir ao POR a atitude firme dos acampados grevistas em escurraçar o governador é uma honra. Mostra que estamos cumprindo o dever de levar até as últimas conseqüências a defesa da greve e das reivindicações contra o governo títere do imperialismo (FMI/Bird etc). Mas para sermos corretos é preciso dizer que a resistência é uma resposta coletiva de um conjunto de grevista que colocaram suas vidas à disposição do movimento, o que ultrapassa em muito as forças do POR. Esperamos que um dia esses lutadores venham integrar nossas fileiras para pôr em pé o partido do proletariado, fundindo sua revolta contra a opressão capitalista com o programa da revolução e ditadura do proletariado. A resistência à invasão de Covas é um exemplo de como os explorados devem defender sua trincheira de luta contra a

burguesia.

### Qual é o temor da burguesia em relação ao POR?

O ocorrido no acampamento grevista foi atribuído ao POR não por esse fato em si mesmo, mas pelo fato de suas posições na greve corresponderem às tendências dos explorados reagirem à política reacionária do governo. Baseamo-nos na orientação marxista da luta de classe. Ou seja, que as massas é que protagonizam as transformações. O método defendido pelo POR é o da luta de massa, o que o distingue da direção burocrática que procura colocar a greve nas mãos do Parlamento (pacifismo e passivismo) e do pseudo-radicalismo de pequeno grupo isolado (os que têm a idéia de greve de vanguarda e de ação à margem da luta de massa).

Temos defendido e trabalhado para que os grevistas em massa permaneçam nas ruas, ocupem a Av. Paulista, onde o governo sente o peso da luta e voltem todas suas forças contra o governo opressor. Desde o início defendemos o fortalecimento do acampamento com a luta de massa. Uma greve é rica em fatos e sofre mudanças nos embates.

Inicialmente, mostramos que o acampamento era passivo, nas circunstâncias imperantes (necessidade de fortes piquetes). O ataque de Covas ao acampamento mostrou seu valor de re-

sistência grevista.

O POR, embora não tenha concordado inicialmente com o acampamento, assumiu sua defesa como instrumento de resistência e vem militando quotidianamente nele, sem deixar o trabalho essencial, que é de fortalecer a greve através dos piquetes e da luta de massa. Nesse sentido, aceitamos plenamente a atribuição da revista burguesa ("Época") de que o POR é responsável por escurraçar o invasor Covas. Não esperamos nenhuma verdade dos porta-vozes da burguesia. Ao contrário, primam pela falsificação em favor da sua "verdade" de classe, que é sustentar a opressão contra a maioria explorada. Mas para o partido revolucionário seu material é a verdade e esta é sempre prática.

### O POR e o Comunismo

Poderíamos dizer que há apenas uma verdade no editorial "A barraca dos intolerantes", quando diz: "Na prática, lutam pela ressurreição do comunismo". De fato, o POR tem por objetivo realizar a tarefa histórica de superar o sistema capitalista de produção pelo comunismo, pela sociedade sem classes. O que quer dizer que assimilamos o programa internacional do proletariado, fruto de rica experiência revolucionária desde que Marx e Engels edificaram os fundamentos do socialismo científico, que, por sua vez, se apoiaram em experiências anteri-

ores.

Mas é falsa a afirmação de que queremos ressuscitar o comunismo. A morte do comunismo foi decretada pela burguesia com auxílio da traição dos partidos comunistas estalinistas. Não houve e não haverá morte do comunismo. A sociedade sem-classes tem seus germes no próprio capitalismo, ou seja, na contradição entre as forças produtivas (força de trabalho coletivizada e potência tecnológica) e a propriedade privada dos meios de produção (propriedade monopolista da indústria, terras, comércio). Essa contradição tem levado o capitalismo ao esgotamento histórico. Não há outro elo histórico evolutivo senão a destruição da sociedade de classe pela revolução socialista, baseada na propriedade coletiva dos meios de produção.

A restauração capitalista na ex-União Soviética é uma derrota do proletariado e um retrocesso histórico que a humanidade pagará muito caro e já está pagando com a fome. A burguesia imperialista e seus lacaios da imprensa semicolonial tomaram esse acontecimento - ainda inacabado - como morte do comunismo. Os mais estúpidos chegaram a afirmar "o fim da história".

### **O deboche burguês com fins policiais**

A essência do editorial do jornalista vendido à Globo, Augusto Antunes, é de exigir do governo repressão ao POR, e, claro, a todos que defenderem o combate dos explorados. O bem pago jornalista - se não for, está se vendendo por pouco para fazer o trabalho sujo da burguesia - procura convencer pelo deboche ("camelôs da revolução", "atração de circo") que o governo tem sido brando com os grevistas do acampamento e que a democracia não está cumprindo sua função policial. Faz um paralelo do Brasil com os "países politicamente adiantados". Aqui os radicais do POR são tratados com benevolência inaceitável, pois nos "países politicamente adiantados" "seriam reduzidos a caso de polícia". E conclui: "Agente e vítima do surto de violência registrado nos anos de chumbo, a polícia ainda não recuperou, no Brasil, o status de instituição essencial à democracia."

Quanta besteira! Não há democracia capitalista que não tenha a polícia como

essencial. A repressão aos movimentos sociais é parte da democracia burguesa. A democracia é uma forma de regime político para a burguesia exercer sua ditadura de classe sobre os explorados. O período da ditadura militar, a que se refere o jornalista, foi marcado pela tortura, assassinatos de operários e opositores. Quer dar a idéia que na democracia a polícia seria legalista, como se isto mudasse seu caráter de defesa dos interesses dos exploradores e seu Estado.

Acontece que os ideólogos do capitalismo não podem dizer que a democracia é uma variante de funcionamento do Estado, que sempre estará a serviço da exploração do trabalho. Precisam falsificar com a idéia de que a democracia não é de classe e que a polícia é guardiã de uma democracia sem classe.

A mentalidade policial veiculada pela agência Globo, um império de comunicação ligado ao imperialismo, indica o germe do fascismo que se abriga sob a democracia dos banqueiros, industriais, latifundiários, agiotas etc. O deboche burguês de Augusto Nunes é o enfeite da mentalidade policial.

### **Uma campanha orquestrada contra a greve**

A invasão de Covas ao acampamento teve objetivo premeditado. Alimentar a imprensa contra a greve. Depois de arremessar a tropa de choque contra os manifestantes na Paulista, o governo viu que a greve recrudescera e que poderia tornar o movimento de massa mais radical. A provocação montada contra o acampamento e os militantes de frente serviu para realizar prisões e criar um ambiente propício à repressão. Orquestrou-se assim a imagem de um governador com direito de desbloquear o portão da Secretaria com sua presença (mas rodeada de seguranças).

O tiro saiu pela culatra, a população condenou a provocação, o que inibiu o plano repressivo que deveria ocorrer logo em seguida à campanha da imprensa.

O editorial do *Estado de São Paulo*, "Campanha de desmoralização da autoridade", de 3/6, em que exige violência contra as correntes de esquerda, entre elas cita o POR, resumiu bem o sentido do ato governamental. "O governador

Mário Covas tem todo o direito - na verdade, o dever - de entrar em prédio público pela porta da frente. Esse direito, aliás, é de todo e qualquer cidadão. Mas, da próxima vez que quiser exercê-lo, mande antes a polícia abrir caminho, dissolvendo os piquetes com força que se fizer necessária e prendendo quem resistir à autoridade".

O objetivo era o de varrer com o piquete com a tropa de choque, mas o tão considerado democrata Covas antes pretendeu encontrar uma justificativa para esse ato de violência contra os grevistas acampados.

A orientação do Estado é atacar as correntes e a vanguarda de luta com processos e prisões. A nota do Ministro da Justiça de FHC a expõe com clareza: "... as manifestações, que transpõem todos os limites do tolerável, têm de cessar. Tanto as polícias estaduais quanto a Federal, no âmbito de suas competências, devem fazer recair sobre esses excessos neofascistas o peso da lei".

É assim que o governo Covas mantém presos três grevistas que resistiram bravamente a sua provocação, ao lado de vários sem-terra, que arcam com "o peso da lei". Se se quer aplicar com propriedade o epíteto de neofascista, deve-se aplicá-lo ao governo do PSDB, que, para impor as reformas pró-imperialistas, necessita combater os movimentos sociais com a tropa de choque e com prisões.

Para o poder dos capitalistas, os trabalhadores respeitam a democracia quando abaixam a cabeça frente à ofensiva de fome do governo, destruição da educação pública etc e quando as direções sindicais são capazes de manipular as massas a serviço dos interesses alheios. No momento em que o movimento grevista de massa expressa a política de combate ao governo e caminha por derrotá-lo, então a democracia é ameaçada e se justifica os ataques fascistas do governo.

É bom que os agentes dos exploradores coloquem a questão assim porque permitem que seus argumentos "democráticos" sejam desmascarados aos olhos dos oprimidos. A democracia a que se referem a imprensa, governo, OAB etc é a ditadura do capital contra os explorados e liberdade para a classe capitalistas praticar sua política de miséria das massas.

**BRASIL, 500 ANOS DE EXPLORAÇÃO E LUTA DE CLASSES**

# Palmares, um estado de homens livres

**Paulo Barbosa**

O quilombo de Palmares foi um marco na rebelião contra o escravismo. Durou quase cem anos, e durante esse período assentou duros golpes no sistema escravista da região, na capitania de Pernambuco, em terras hoje pertencentes ao estado de Alagoas. No entanto, não é conhecido nenhum documento escrito dos palmarinos, que expressasse sua vida interna e sua consciência social. Ao invés disso, há toda uma historiografia reacionária, vinculada à ideologia escravocrata e colonizadora, que procura reduzir a importância histórica, sociológica, política e cultural de Palmares, apresentando-o como um produto de bandidos e marginais.

Para os trabalhadores, porém, é de grande importância o conhecimento da história de Palmares, a qual demonstra que, apesar da supexploração, das ameaças e torturas constantes, os trabalhadores escravizados se rebelaram e lutaram, dentro dos limites históricos, contra seus opressores.

## O início

A região de Palmares, assim denominada pela presença intensa da palmeira pindoba, era fértil, porém de difícil acesso. Para os escravos fugidos, reunia condições estratégicas para uma vida em liberdade: a impenetrabilidade da floresta, a fertilidade das terras, a abundância de madeira e de caça, a facilidade de água e de meios de defesa favoreceram a reunião de novos membros e a organização dos foragidos. Segundo Rocha Pitta, foram quase quarenta negros de Guiné dos Engenhos de Porto Calvo, no começo, depois em bandos, e de forma constante, refugiando-se nas matas de Palmares, que iniciaram o quilombo.

Diversos fatores contribuíram significativamente para o crescimento demográfico no núcleo inicial. Um deles foi a ocupação holandesa de Pernambuco que desarticulou e desorganizou as estruturas coloniais portuguesas de dominação, criando condições favoráveis para a fuga de escravos para as matas. Além disso, havia o crescimento devido ao aumento de nascimentos no interior

do quilombo e o ingresso no território palmarino de indígenas "salteadores", fugitivos da Justiça de modo geral e indivíduos de diversas etnias e camadas sociais oprimidas pelo sistema escravista-colonial. Embora já tivessem expedições entre 1602 e 1608, foi a partir de 1630, com a invasão holandesa, que se deu o crescimento assombroso de Palmares, aumentando a exigência dos senhores de escravos para exterminá-lo. Ainda sob domínio holandês, os capitães Rodolfo Baro e Blaer atacaram-no respectivamente em 1644 e 1645, com poucos resultados.

## Palmares: estrutura econômica e organização política

Segundo o historiador Édson Carneiro, era a seguinte a distribuição das principais cidades no espaço geográfico de Palmares: a 16 léguas (antiga medida portuguesa equivalente a aproximadamente 6 quilômetros) de Porto Calvo ficava o quilombo de Zumbi; a 5 léguas mais ao norte, mocambo de Acotirene; a leste desses, dois mocambos chamados das Tabocas; a 14 léguas a noroeste do das Tabocas a "cerca" de Subupira; a 6 léguas mais ao norte, a "cerca real do Macaco" (capital de Palmares); a 5 léguas a oeste, o mocambo de Osenga; a 9 léguas de Serinharen, para nordeste, a "cerca" de Amaro; a 25 léguas de Alagoas, para noroeste o "palmar" de Andalquituche, irmão de Zumbi; a 25 léguas a noroeste de Porto Calvo, o mocambo de Alquatune, mãe do rei, além de outros espalhados pelo seu território, de sessenta léguas, chegando a abrigar uns 20.000 habitantes, segundo Jácome Bezerra, em 1671, ou 30.000, de acordo com Brito Freire, governador de Pernambuco de 1661 a 1664.

Experimentados na agricultura, os palmarinos mantinham plantações que lhe proporcionavam farta existência, chegando a gerar excedentes. Além da subsistência, a mata lhes fornecia também materiais necessários a construção de choças (moradia) e móveis rústicos, bem como argila para sua cerâmica. Em

alguns aldeamentos existia uma metalurgia rudimentar e uma série de atividades artesanais. Entre as lavouras encontradas estavam a mandioca, o feijão, a batata-doce, a banana e cana-de-açúcar, utilizada para o fabrico de rapadura e aguardente. Também criavam galinhas e suínos.

Em oposição ao sistema latifundiário-escravista baseado na monocultura, parece que os palmarinos, como os demais quilombos agrícolas, adotaram a agricultura policultora, alicerçada em roçados, fundamento econômico da família livre, da solidariedade e cooperação. O excedente da produção era dada ao Estado a título de contribuição para a riqueza social e defesa do sistema. A sociedade era orientada pelos usos e costumes, não havia vadios nem exploradores. Embora já existisse embriões de diferenciação social, como indica a lavoura do rei e a futura traição de Ganga-Zumba.

O sistema político, ao nosso ver, não era uma "República" de estilo europeu nem muito menos uma "monarquia", mas uma ditadura militar democrática, sustentada em relações igualitárias, fraternais e livres. Por estar sempre acossado pelas investidas dos escravistas, a comunidade palmarina não podia prescindir da mais férrea unidade de combate o que excluía um regime político liberal, como prova por exemplo o assassinato de Ganga-Zumba e o tratamento dado aos relapsos e covardes. Os chefes dos mocambos, organizados na forma de comunidade tribal, elegiam o rei sob os critérios de coragem, força e capacidade de direção. O Estado palmarino e seu regime político surgiram de uma necessidade básica: garantir a sobrevivência do quilombo, coesionar grupos étnica e culturalmente heterogêneos e aglutinar forças contra inimigo externo escravista.

A colaboração de brancos com os rebeldes palmarinos foi muito freqüente. Os excedentes agrícolas interessavam aos lavradores e mascates. Também, alguns senhores de engenho, para se prevenir de um ataque, pagavam uma espécie de tributo aos mocambos, práti-

ca condenada pelas autoridades, assim como o comércio. O que revela o poder do quilombo na região.

### **Guerra e extermínio**

Apesar de não expressarem um programa político anticolonial e anti-escravista, objetivamente ao lutarem pela liberdade e bem-estar dos seus, os palmarinos representavam um elemento subversivo da ordem colonial-escravista, sendo combatido constantemente pelos senhores e autoridades. Assim, o Estado palmarino era absolutamente incompatível com a ordem colonial, escravista e branca, sua destruição era essencial para a estrutura social vigente.

Desde seu nascimento, o quilombo de Palmares sempre foi fustigado pelas forças escravistas. A primeira grande expedição enviada foi a do mestre-de-campo Zenóbio Accioly de Vasconcelos em 1667, que terminou em fracasso. No princípio de 1668, os palmarinos retaliaram atacando localidades litorâneas. Entre 1671 e 1678 houve vinte e cinco expedições ofensivas, além da ordem dos governadores de abertura de

caqminhos entre a densa mata, para facilitar o avanço dos escravistas. Algumas foram organizadas por particulares, como a de Cristovão Lins, que teve seus canaviais incendiados em ação de represália; outras montadas por chefes militares, como a do Capitão André da Rocha, em 1671. Algumas tiveram certo êxito, como a de Manoel Lopes, de 1675, que provocou 800 baixas entre os palmarinos; já outras foram um tremendo fracasso, como a de Domingo de 1672, destrocada e com inúmeras deserções.

A fracasso de diversas expedições encontra-se em vários elementos: a indomável resistência dos palmarinos; as densas selvas da região; as táticas guerrilheiras dos negros, sempre evitando um confronto direto e dispositivos estáticos, fustigando constantemente as expedições; os opressores não podiam contar com o efeito surpresa, pois mil olhos observavam seus preparativos; a inadequação da estrutura militar colonial e o despreparo das tropas; a fome, as doenças e o desespero faziam o resto. O interessante, é a luta contra Palmares não era, essencialmente, uma guerra racial, brancos contra negros, mas um confronto de classes entre escravos fugidos e as

classes dominantes coloniais. Os opressores usaram tropa de negros, como o Terço do Henriques, além de índios, mulatos e mamelucos contra Palmares. Do mesmo modo, Palmares conseguiu congrega setores oprimidos em suas atividades, embora o fundamental tenha se centrado nas massas negras, de diversas etnias.

Em 1677, Fernão Carrilho, provocou sérios reveses a Palmares, aprisionando dois filhos do rei, além de chefes de mocambo, o que permitiu a oferta de suspensão das hostilidades.

### **Abolir o capitalismo para abolir as raízes do escravismo**

O escravismo colonial está na base da formação do capitalismo no Brasil. Sobre os músculos e o sangue dos escravos negros e índios, os exploradores europeus extraíram riquezas, uma grande parte canalizada para os cofres da burguesia colonizadora. A abolição da escravatura foi contingência para se passar da formação pré-capitalista inicial para a capitalista. O proletariado que surgiu nesta passagem tem suas raízes na exploração da escravatura.

## **Rondônia**

### **O que se coloca é construir um movimento antiimperialista para barrar o saque do país**

Os reformistas (PT e seus seguidores), com a CNBB, Consulta Popular e MST, estão falando em plebiscito pelo não pagamento da dívida externa. Sabemos que por aí a luta contra a sangria do país pelo imperialismo não vai longe. Com certeza, servirá aos objetivos eleitorais do PT e aliados.

O combate ao pagamento da dívida externa é parte de um conjunto de bandeiras antiimperialistas. Não pode ser isolado. A posição de pressionar a burguesia entreguista para que não pague a dívida não passará de protestos, como um plebiscito.

Achamos decisiva a bandeira de não pagamento, mas deve fazer parte da plataforma de reivindicações das massas. Os movimentos grevistas estão explodindo por toda parte, cabe-nos defender como parte das

reivindicações o não pagamento da dívida externa, expropriação do grande capital, quebra dos acordos antinacionais com o imperialismo etc.

É preciso ter claro que a luta contra o saque do país começa pela defesa da derrubada integral do Plano FHC, que na essência implanta reformas ditadas pelas potências. O caminho mais seguro e eficaz está em constituir um movimento antiimperialista, baseado em comitês de luta direta contra as reformas neoliberais e por um programa revolucionário.

Por esse caminho, preparamos as condições para estruturar uma frente única antiimperialista, organismo de ação direta das massas, dirigido pelo proletariado.

## **Estudo do Manifesto Comunista**

A militância do POR está realizando um estudo minucioso do Manifesto do Partido Comunista. Trata-se de uma tarefa de primeira necessidade. O Manifesto é a base programática do partido marxista, revolucionário.

Nele está contido o método do materialismo histórico, dialético, e princípios fundamentais da revolução proletária. Revela as leis da história e concebe o proletariado como a classe revolucionária que sepultará o capitalismo.

É preciso estudar constantemente o Manifesto para elaborar o programa da revolução socialista em nosso país. Isto é, para edificar um poderoso partido proletário que dirija, com o programa, a luta dos explorados e que transforme os instintos de revolta dos oprimidos em fator de transformação histórica.

A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores - é o que nos ensina o Manifesto do Partido Comunista, escrito em 1847 pelos revolucionários Marx e Engels. Todo trabalhador e militante que compreenda esse fundamento tem o dever de trabalhar pela construção do Partido Operário Revolucionário.

# A luta grevista dos professores contra Covas em São Paulo

O POR intervém na greve defendendo a unidade do movimento, a assembléia unificada, comandos unitários e a radicalização da luta de massa para derrotar a política de fome e miséria de Covas/FHC. Diariamente, divulga o boletim da Corrente Proletária respondendo aos ataques do governo e apresentando propostas para impulsionar a ação direta. Tem rechaçado a conduta da burocracia/PT e seus aliados (PSTU) que procuram canalizar o movimento de massa para o Parlamento e eleitoralismo. Publicamos abaixo alguns boletins.

## Responder com luta grevista à manobra negociadora de Covas

Já são 32 dias em greve e o governo fez ontem uma mísera contraproposta, que provocou mais ira dos grevistas. Depois de invadir o acampamento, comprar toda imprensa para condenar os professores que reagiram, prender três professores e ameaçar com a tropa de choque, o governo abriu as negociações. A exigência era de que os grevistas desbloqueassem o portão central da Secretaria da Educação. A Secretária da Educação recebeu os representantes dos sindicatos em greve e proibiu a entrada dos três professores que representavam a comissão de base. Isso não impediu que a burocracia mantivesse a negociação. A exigência de liberdade aos presos políticos também não foi cumprida pelo governo. A negociação foi acompanhada por centenas de professores que vieram de várias regiões e se concentraram em frente da Secretária da Educação. Porém, como era esperado, o governo não cedeu em nada.

### A farsa do governo

Em relação às reivindicações educacionais, ficou na conversa fiada de abrir o debate. Sobre a promoção automática, condições de trabalho, avaliação etc não passou de lenga-lenga. No que se refere à reforma do ensino médio, diz que estávamos falando inverdades e que publicaria no Diário Oficial uma resposta. Para completar a palhaçada, disse que fará uma teleconferência divulgando o conteúdo da reforma. Coisa que os professores conhecem muito bem na época em que se impôs a municipalização e a destruição da carreira do magistério. A Secretária da Educação reafirmou que

não há salas de aula superlotadas. Somente essa afirmação é suficiente para se saber quem é que mente.

Sobre a reivindicação salarial, respondeu com um abono proporcional ao número de aulas (80,00, 60,00 e 48,00 reais para respectivamente 40, 30 e 24 horas semanais). Esse abono não é estendido aos aposentados. E aumentou o vale coxinha para 84 reais por mês, para aqueles que recebem o valor máximo.

Como se vê, Covas não cedeu em nada. O abono será oferecido em duas parcelas, sendo a segunda somente em outubro. Tudo isso, depois que a Assembléia Legislativa aprovar. Com essa enrolação, o governo marcou uma segunda reunião para às vésperas da assembléia dos grevistas.

### É preciso responder com a mobilização de massa

A resposta dos grevistas à contraproposta do governo só pode ser a ampliação do movimento de massa. Por isso, quinta-feira, dia 8, os grevistas devem ocupar a Paulista para se contrapor ao objetivo governamental de derrotar a greve. Primeiro usou a tropa de choque, depois invadiu o acampamento, em seguida prendeu os professores e, agora, apresenta essa esmola ao magistério. Covas já fez de tudo para quebrar a greve.

Os grevistas aprovaram a volta à Paulista. É necessário rechaçar a conduta da burocracia sindical que fez e, certamente, fará um acordo com a polícia para impedir o bloqueio da Paulista.

Não há como obter vitórias senão pela ampliação do movimento grevista e radicalizar a luta de massa. Os profes-

ses que oscilam diante das medidas punitivas do governo devem manter firmes no propósito da greve. O enfraquecimento da greve só favorece a sanha de Covas de punir, demitir, prender, arrochar salários, destruir a carreira e dar prosseguimento à reforma educacional do Banco Mundial.

### Voltar à Paulista para bloqueá-la

A volta à Paulista deve ter por objetivo rechaçar a farsa da negociação de Covas e bloquear a avenida em resposta. Lembremos que a manifestação passiva do dia 31 e a ida festiva à Assembléia Legislativa fortaleceram os ataques do governo. Covas e o comandante da polícia exerceram uma forte pressão para que a burocracia sindical disciplinasse a assembléia e a manifestação nos moldes estabelecidos. Os grevistas devem condenar os acordos com a polícia porque permitem o fortalecimento do governo. Ocupar a Paulista para obter vitórias.

### Não colocar a greve na dependência dos parlamentares e não admitir o eleitoralismo

O esforço da burocracia/PT e seus aliados (PSTU) de colocar o movimento na dependência da Assembléia Legislativa é descarado. Colocar a greve como tribuna dos deputados e candidatos (do PFL ao PT) significa enterrá-la sob o festival de demagogia. Toda essa gente é responsável pela política de fome e miséria do governo. O movimento deve estar sempre dirigido contra o governo

através da luta de massa. Nada de confiar no Parlamento e deputados. Confiar na mobilização de massa.

### **Unidade grevista para enfrentar Covas/FHC**

Ainda não se realizou a real unidade. Essa se limita às manifestações de semana em semana. A verdadeira unidade se dará com as Assembléias conjuntas, um mesmo comando e uma só pauta de reivindicações. Uma unidade em que ninguém saia da greve enquanto o governo não atender de conjunto. Uma unidade

dessa natureza se constrói pela base. A burocracia é corporativista e, assim, mantém dividido o movimento. Chega de divisão. Unir para derrotar o governo.

### **Covas mantém três professores detidos**

O governo que mantém presos militantes do MST também prende e dita ao Poder Judiciário a manutenção das prisões. Está mais do que claro que o governo usa de todos os mecanismos para derrotar a greve e punir as lideranças.

Para isso, compra advogados, Justiça, imprensa etc tudo para incriminar os grevistas presos.

Trata-se de uma prisão política, que o governo quer descaracterizar com a idéia de que se trata de marginalidade. Também nisso, assemelha-se aos processos contra o MST. A democracia de que fala é a democracia do poder burguês contra as greves e voltada a sustentar pelas armas a política de fome e miséria.

Pelo atendimento das reivindicações!  
Liberdade aos presos políticos!

(6/junho)

## **Boletim publicado após a provocação de Covas ao acampamento Covas invade com os seus seguranças o acampamento grevista**

Os acontecimentos que envolveram o governador Covas e os acampados grevistas, em frente à Secretaria da Educação, demonstram a que ponto chegou a provocação do Estado contra os trabalhadores. Rodeado de seguranças, o governador invadiu o acampamento com o objetivo de abrir o portão central da Secretaria da Educação. Tinha consciência de que os lutadores não iriam deixar que seu ato comprovasse debilidade do bloqueio. O que quer dizer que, deliberadamente, protegido pela tropa de choque, interna à Secretaria, e pelos seguranças, procurou um conflito pessoal. A intenção foi a de incriminar as correntes de esquerda e procurar razões para reprimir a militância revolucionária.

No fundo, a sua atitude está direcionada a justificar a intransigência frente às reivindicações do magistério e combater o movimento grevista. Covas está enfrentando um verdadeiro movimento de massa. Refletindo a política geral do governo do PSDB/PFL/PMDB, Covas é um dos elos da ditadura civil imposta ao país, mascarada com a democracia parlamentar e eleitoral. A população trabalhadora saberá distinguir a provocação policial de Covas da resistência dos grevistas.

### **As prisões políticas**

O governador preparou um cerco policial para prender os manifestantes que resistissem à sua provocação. Che-

gou como se estivesse fazendo um visita, como a imprensa noticiou. Na verdade, organizou uma armadilha para atacar o movimento e prender lutadores. As prisões foram claramente premeditadas. Procura-se incriminar o setor grevista mais combativo, enquadrando-os em processos judiciais. Por todos os lados, a imprensa instiga a burocracia sindical a reprimir aqueles que têm defendido que o movimento radicalize a luta de massa, que bloqueie a Paulista e realize ocupações.

A prisão dos professores é de caráter político. Lembremos quantas prisões têm sofrido o MST pelas mesmas razões. Até mesmo a aplicação da Lei de Segurança Nacional é utilizada para punir aqueles que enfrentam a fome e a miséria com o método da luta de classe.

Cabe ao movimento arrancá-los da prisão através de grandes manifestações.

### **Preservar a todo custo a política neoliberal**

O governador e a burguesia dizem que é parte da democracia o direito de greve. Trata-se de uma falsidade para enganar a população. A ditadura civil que governa o país ataca as greves, reprimindo-as por todos os meios: policiais, judiciais e político-propagandísticos. Covas não contava com uma greve duradoura e de combate nas ruas. Frente ao gigantesco movimento de massa, o go-

verno, ao invés de atender as reivindicações, recrudescer a repressão. Usa a tropa de choque, demite dirigentes regionais, desconta salários, ameaça diretores, convoca eventuais para substituir grevistas, exige reposição de aulas nas férias etc. E agora se vale de uma miserável manobra provocadora para justificar a prisão de grevistas e prepara as condições para a tropa de choque acabar com o acampamento.

A sanha repressiva dos tais democratas mostra bem que estes, uma vez no poder do Estado e responsáveis pela aplicação da política pró-imperialista (neoliberal) e antipopular, revelam seu traço fascista frente aos movimentos sociais. Covas precisa derrotar a greve para continuar pagando os banqueiros internacionais e nacionais e favorecendo a exploração capitalista. Nós precisamos vencer para preservar a escola pública.

### **Dia 8 - Contra a repressão e a provocação de Covas: Voltar e bloquear a Paulista**

Somente o movimento de massa e os métodos coletivos de luta podem derrotar o governo repressivo. No dia 8, os professores, estudantes e todo o funcionalismo têm o dever de voltar à Paulista para levantar a bandeira de "Abaixo a repressão de Covas!", "Atendimento imediato das reivindicações!" e "Fim da reforma destruidora da educação pública!"



Voltemos à Paulista para bloqueá-la. Não aceitemos a orientação passiva e capituladora das direções sindicais e seus aliados.

**Libertação imediata dos grevistas presos! Libertação de todos os presos políticos (MST)! Pelo direito de greve e livre manifestação! Atendimento ime-**

**diato das reivindicações! Fim da política de destruição da escola pública!**

## **Boletim denunciando as manobras de Covas Campanha sórdida contra o movimento**

Covas invade o acampamento da greve com seus seguranças, com o objetivo de romper o bloqueio da Secretaria da Educação, e coloca a imprensa para mentir ao povo. A falsidade está em caracterizar a resistência como fascista. O contrário é verdadeiro. A invasão do acampamento com seguranças foi uma ação que lembrou os ataques fascistas às manifestações dos trabalhadores.

Os tais democratas do PSDB - antes considerados progressistas por uma parte da esquerda - estão revelando mais uma vez uma lei histórica: os democratas burgueses abrem caminho para o totalitarismo.

A campanha de falsidades e mentiras contra o movimento é uma forma de preparação de ataques repressivos aos movimentos sociais. As prisões foram premeditadas e utilizadas para justificar a destruição do acampamento pela tropa de choque, que ainda não ocorreu devido às circunstâncias políticas.

### **A população condena a provocação do governador**

Covas esperava que a campanha de mentiras da imprensa burguesa - toda ela depende do Estado - criasse um clima favorável às ordens de desmantelamen-

to do bloqueio. Mas a grande maioria da população não engoliu a farsa do governador democrático visitando a Secretaria da Educação e sendo agredido pelos grevistas. Foi tão massiva a repulsa que a imprensa se viu obrigada a revelá-la. Isso explica, em parte, porque o governador retardou jogar a tropa de choque sobre o acampamento.

O governo destruidor da educação pública e dos serviços sociais em geral encontrou hostilidade da população trabalhadora. Ocorre que há uma tendência de luta em todo país contra a reforma antinacional e antipopular de FHC.

### **As prisões e processos tornam-se rotina sob o governo FHC/Covas**

A imprensa mostrou que não só cumpre o papel ideológico e político de defesa dos interesses burgueses como o de agente policial. Os noticiários primaram por delatar os manifestantes que reagiram em defesa do acampamento e do bloqueio. A OAB, presidente do Tribunal de Justiça, personalidades políticas etc foram acionados para defenderem a tal da democracia, que significa o direito do governador sufocar a greve, impedir a livre manifestação e atacar o setor con-

seqüente da luta.

Ocorre que a luta de classe voltou a se acirrar sob o efeito do plano avassalador de reformas pró-imperialistas. O empobrecimento das massas com cortes salariais, desemprego gigantesco e desmonte dos serviços públicos tornou-se insuportável. A democracia burguesa funciona bem quando os trabalhadores permanecem calados e os famintos definham sem resistência. Basta que as greves ocupem o cenário nacional e o MST avance a luta para que os representantes dos exploradores saiam em defesa da democracia e acuse a violência dos movimentos.

### **Reforçar o movimento grevista de massa**

O governo diz que abrirá negociação na segunda-feira. Está manobrando devido às grandes manifestações de massa contra sua política. A exigência do desbloqueio é apenas um motivo utilizado para levar adiante a manobra negociadora. Só a continuidade da greve e a luta nas ruas quebrará o jogo de Covas e imporá conquistas. Toda força ao dia 8: manifestação com bloqueio da Paulista. Na segunda, às 10 horas, todos frente à Secretaria da Educação.

## **Boletim convocando para a Paulista**

# **Dia 8: Voltar e bloquear a Paulista**

O governo Covas sente a pressão do movimento de massa. Havia proibido nova manifestação na Paulista. Foi obrigado a recuar diante da disposição dos trabalhadores de fazerem assembléia e manifestação nesse local. Entretanto, o movimento não soube aproveitar sua força de massa para bloquear a Paulista. A burocracia dirigente e a cúpula da CUT atuaram no sentido de limitar a manifestação ao espaço acordado com o comandante da tropa. Esse limite imposto pela direção aliviou o governo que temia um novo bloqueio. Está claro que só a radicalização dos métodos de luta de massa po-

dem atingir o governo e levar a greve à vitória. As bases grevistas não podem mais tolerar o método da passividade praticado pela direção sindical. As direções sindicais (PT/PCdoB) e PSTU se colocaram contra volta à Paulista no dia 8. Defenderam a assembléia na República. O fato da grande maioria votar a favor da Paulista mostra que as bases sabem onde está o ponto fraco do governo.

### **Como voltar à Paulista**

Voltar à Paulista para repetir assembléias passivas e não bloquear a Pau-

lista significa não atingir o ponto fraco do governo. Covas já admite a presença das massas no Masp, evitando assim um confronto que o golpeie politicamente. Lembremos que a manifestação com bloqueio no dia 18 colocou o movimento numa posição de ofensiva contra a tática do governo de derrotar a greve pelo seu desgaste no tempo. Voltemos organizados para fazer um bloqueio de massa da avenida.

### **É preciso rechaçar os acordos de bastidores**

As direções sindicais se reuniram com MASSAS - 1ª quinzena de Junho de 2000 - 9

parlamentares e com o comandante da tropa de choque para negociar a realização de assembléia passiva na Paulista. Uma vez que os burocratas não tinham como modificar o local, agiram para evitar a ocupação. Cumpriram assim a exigência do governo. O movimento deve dizer não aos acordos de cúpula que recuam a greve e permitem o fortalecimento do governo.

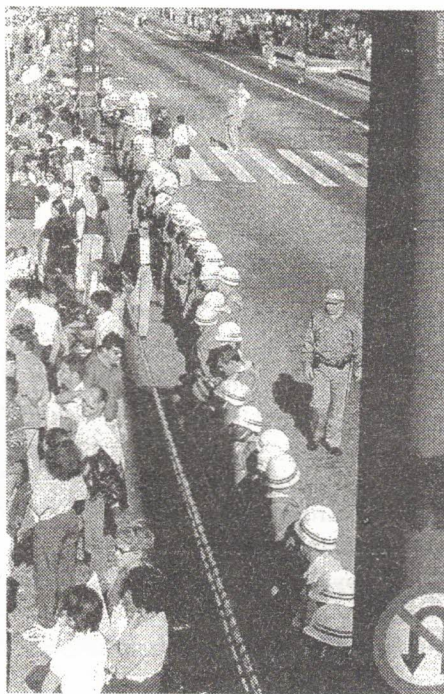
## A ida à Assembléia Legislativa foi um desastre

A burocracia e o PSTU vêm defendendo duas posições de esvaziamento da greve: 1) Não ocupar a Paulista; 2) Canalizar a greve para a Assembléia Legislativa. Pretendem colocar a greve sob a influência dos parlamentares e da Igreja (intermediação de Evaristo Arms). Isso significa não confiar na força da luta de massa. E desviar o choque da greve contra o governo, colocando-a sob a pressão de uma cúpula negociadora parlamentar. Dizemos que a pressão sobre os partidos da coligação governamental e sobre o próprio governo se dará com manifestação de massa, ocupações e bloqueios. Nesse sentido, a Paulista é estratégica para o movimento.

A ida à Assembléia Legislativa mostrou que a greve serviu de palanque eleitoral e para discursos demagógicos de políticos burgueses. Os manifestantes logo viram que nada tinham a fazer no Parlamento que favorecesse a vitória da greve. A experiência mostrou que a orientação da burocracia é de recuo da luta e de seu esvaziamento.

### Evitar a divisão das bases

É de interesse das direções sindicais que o movimento se divida. Na votação



As direções submeteram o movimento às limitações impostas por Covas.

das propostas de passeata para a Assembléia Legislativa ou para a República, os grevistas se mostraram divididos. A direção proclamou sua vitória, quando deveria refazer a defesa e a votação. Diante dessa manobra, um grupo minoritário, refletindo desespero, dividiu o movimento não aceitando a ida à Assembléia Legislativa.

O método anárquico contra o método burocrático da direção atinge a unidade das bases e enfraquece o movimento grevista. O método da agressão física contra a burocracia por um pequeno grupo é aventureiro e fortalece a tendência antidemocrática da direção sindical.

A expulsão da burocracia se dará pela elevação política dos trabalhadores e pelo método da luta coletiva. As ações de um pequeno grupo, à margem da maioria em luta, se contrapõem à tática de greve de massa e ao princípio da unida-

de das bases. O desespero frente às manobras da burocracia demonstra incompreensão da política proletária de fazer da greve um instrumento de luta de massa e unidade das bases. Agredir a burocracia à margem da maioria presente na assembléia abre caminho para a desagregação do movimento. Essa via é despolitizadora.

A derrota da burocracia virá através da luta política, de forma que esta separe a maioria grevista da direção burocrática.

## Unidade grevista para a vitória

Para o nosso movimento quebrar a intransigência de Covas, terá de derrotar a orientação passiva e divisionista da direção. A direção da CUT diz que fará no dia 8 uma manifestação de solidariedade aos servidores públicos. É necessário que a CUT convoque assembléias em todos os sindicatos para organizar a luta unitária contra as reformas neoliberais que atingem todos os trabalhadores. Nada de faz de conta que apoia. É preciso transformar num só movimento grevista contra o plano de fome, miséria e destruição dos serviços públicos. Aproveitemos as assembléias unitárias do funcionalismo em greve e a formação dos comandos unitários. Chega de corporativismo! Unidade para a vitória!

## Ocupemos a Paulista para exigir de Covas o atendimento de nossas reivindicações!

Solidariedade internacional à dirigente sindical dos professores de La Paz (Bolívia) e militante do POR boliviano, Vilma Plata, contra o objetivo do governo de colocá-la na prisão!

## Afuse

# Qual a Tarefa do Congresso: Rejeitar o Plano de Carreira Proposto Pela Secretaria da Educação

Em junho será realizado o Congresso do Sindicato dos Funcionários da Educação (AFUSE), que tem a tarefa de rejeitar o Plano de Carreira imposto pela Secretaria da Educação, com o aval da diretoria do Sindicato.

A proposta de Plano de Carreira apresentada pela diretoria do Sindicato continua: piso salarial, diminuição da

jornada de trabalho para 6 horas diárias, piso de 5 mínimos, incorporações das gratificações, concursos públicos, aumento do GTN etc. Esta proposta da diretoria já deixava fora o QSE. No processo de negociação com a Secretária da Educação, a diretoria foi rebaixando cada vez mais as reivindicações, que acabaram por finalizar em apenas algumas

incorporações das gratificações para o QAE, e as pequenas vantagens aparecerão apenas para aqueles que estão na letra B (promoção por tempo de trabalho).

## Qual o momento que a diretoria aceita este acordo com o governo

Nestes 6 anos, a Secretaria da Educa-

ção abriu poucas negociações. Foram as pressões das mobilizações que as fizeram ocorrer, por se sentir pressionada pelo movimento dos trabalhadores. Porém as respostas que davam à questão do plano de carreira foram sempre negativas. E porquê? A secretária Rose Neubauer (PSDB) tem como meta a política do FMI/Banco Mundial que hoje é a destruição da escola pública. Os funcionários são parte desta destruição, o que pretende a secretária é terceirizar os serviços administrativos para conter gastos, por isso está impedida de melhorar o nível salarial da categoria. Prova disso são as contratações pelas APMs e as Frentes de Trabalhos. É neste sentido que os funcionários começaram a se mobilizar, e a discussão da campanha salarial unificada com os professores, diretores e supervisores passou a ter força na categoria, o que possibilitaria uma nova discussão sobre o que afeta o funcionário dentro da escola. A força da unidade poderia abrir caminho para impormos um plano de carreira com as

reivindicações reais da classe e impor à Secretária a incorporação do QSE neste plano. A unidade com os setores da educação era inevitável. Foi por esse motivo que a secretária do governo Covas passou a negociar com o setor mais explorado da educação e ofereceu apenas as incorporações das gratificações para o setor da QAE, fez tão rapidamente para que não houvesse unidade dos trabalhadores e por sentir fraqueza na diretoria do sindicato, que já vinha nestes últimos tempos rebaixando as reivindicações e aceitando dia a dia as pressões do governo. Foi aí que defendeu arduamente as migalhas apresentadas pela Secretária de Covas, e rompeu com a campanha salarial unificada, dando as costas ao ascenso da luta e se submetendo abertamente ao Governo.

### **Qual a nossa tarefa neste Congresso**

Neste sentido, a Corrente Proletária

na Educação apresenta sua tese para o congresso, combatendo a política de conciliação da diretoria do sindicato e toda a política do governo de destruição da educação pública, e conclama os delegados do Congresso a rejeitá-la.

- 1) Rejeitar o plano do Governo
- 2) Elaborar um novo plano de carreira que contenha: Piso salarial de R\$1900,00, diminuição da jornada de trabalho para 6 h.
- 3) Efetivação de todos os que trabalham na escola, com salários iguais.
- 4) Que toda a categoria seja incorporada ao Plano.

Para isto temos de:

- 1) Ter como método de luta a ação direta, que se expressa na greve
- 2) Utilizar as Assembléias Gerais como instrumento de decisão da classe
- 3) Que as assembléias elejam os comandos de base para acompanhar a diretoria sindical que hoje está ligada ao governo, para evitar que esta continue a traír os trabalhadores.

## **LBI: o método da difamação é estranho à política revolucionária**



A difamação é parte da luta política. Trata-se de uma arma contra o adversário. Apesar de odiosa, vemos com certa frequência sua utilização por correntes de esquerda. Esse meio expressa uma política estranha ao método revolucionário de travar o combate ideológico. No fundo, é de conteúdo burguês. Isto é, expressa uma das formas da luta burguesa contra os adversários de classe.

Via de regra, a difamação confluí com formas policialescas. Há uma infinidade de exemplos de falsificações na história utilizadas para fins repressivos. Um de grande importância foi a de José Stalin contra Leon Trotsky. Montaram-se mentiras, organizaram-se farsas e orquestraram-se absurdas acusações com aparência de verdade. Desde as pequenas difamações até aquelas de escala histórica, temos um mesmo conteúdo de classe burguês. Os inimigos difamados precisam do engano e da confusão para esmagar, de uma forma ou de outra, seus desafetos.

Uma corrente de esquerda que faz uso desse instrumento indica ter-se des-

viado do marxismo, que tem o critério da verdade e da falsidade na prática. Pode-se cometer erro de análise da situação contraditória, que será corrigido pelo método correto de atuação sobre a realidade (materialismo histórico). Em hipótese alguma, pode-se confundir erros com falsificações.

É necessário rechaçar, por princípio, o método da difamação. E defender a luta política, que expresse as divergências programáticas (estratégica, tática e organizativa). As correntes atuam na luta de classe e assim expõem o conteúdo de sua política. A crítica e autocrítica são parte do desenvolvimento das posições programáticas e políticas. Substituir esse instrumento pela falsificação significa afastar-se da política proletária (marxista) e aproximar-se das formas burguesas de luta de classe.

### **O porquê da colocação inicial de princípios**

Essa delimitação de princípios parece abstrata como introdução ao artigo.

Mas diz respeito à seqüência de difamação que a LBI tem feito contra o Partido Operário Revolucionário.

Começou com a infundada acusação de que o POR é uma corrente delatora da LBI à polícia. Todos que convivem com o POR sabem que nos baseamos na teoria marxista do Estado, que o tem como ditadura de classe da burguesia contra o proletariado. O que quer dizer que condenamos e lutamos contra a utilização de qualquer instância do Estado burguês, se não for para sua própria destruição pelas massas. Todas correntes podem comprovar que o POR se opôs até mesmo a utilização da justiça para resolver pendências de eleições sindicais.

Mas a LBI insiste em sua falsificação, apesar de termos esgotados todos os meios de luta para que demonstrasse alguma prova da acusação. Agora, volta à carga com um panfleto acusando o POR, sem mais nem menos, de acobertar delação. Isso em plena greve dos professores de São Paulo, quando o POR se encontra em posição de confronto com a burocracia e correntes a ela aliadas. A tentativa

de desmoralizar o partido no movimento social é sinal de reacionarismo da seita LBI. Como se vê, a irresponsabilidade desse grupelho chegou ao limite. Age como filoestalinista.

### **Uma vez difamador, sempre difamador**

A LBI nunca comprovou sua acusação. Já mostramos em artigos e em reunião do movimento (Congresso da CNTE) que os aventureiros não têm apego ao rigor da luta política. Escrevem o que lhes vem à cabeça. Estamos obrigados, mais uma vez, a perder tempo para desmascarar os impostores. Mas são ossos do ofício.

Em um panfleto, toma a denúncia do POR contra PCO que afirmou ser do POR o estudante Jorge Washington de Souza, que, agredido por um militante de PCO, denunciou-o à polícia. No Massas 190, mostramos que Jorge nunca foi do POR e sequer simpatizante. Apenas participou na chapa do CA de Letras (USP), como outros que não são do POR. Enfim, PCO diz que Jorge é militante do POR, mas este não é, está evidentemente difamando. O que a LBI diz sobre a mentira de PCO? Eis:

“O que realmente nos chama a atenção, mesmo crendo como verídica a afirmação da TPOR, é o fato de terem silenciado a agressão física de um apoiador político de sua corrente (Jorge é membro da chapa da TPOR que concorreu ao CA de Letras) por 06 meses!” A partir daí conclui que “a direção da TPOR ficou muda diante da agressão em razão de seu “simpatizante” ter recorrido a uma delegacia de polícia como método para contrapor-se à prática gangsteril de Causa Operária (...).” Na seqüência, deduz: “O silêncio da TPOR só foi quebrado agora, forçada a vir a público em função da própria campanha pública de Causa Operária, que está vinculando, não sem motivos, Jorge a TPOR”. O que pretende a LBI com essa farsa? Chegar à denúncia de que o POR é “avalizador da prática de delação policial”. Pronto, a LBI achou o que precisava para “confirmar” que o POR foi seu delator em 1997. Como nunca provou, achou a oportunidade para dizer nas entrelinhas: estão vendo, o POR é conivente com a delação de Jorge, logo aquilo que dissemos no passado se confirmou.

Essa malandragem indica a que ponto chegam os difamadores para justificar suas mentiras.

Mas vamos à análise do raciocínio do impostor. A primeira observação é que a LBI não condena a difamação de PCO, que afirma ser Jorge militante do POR. A senvergonhice do redator é flagrante. Procura dar a idéia de que Jorge expressa a política do POR. E que assim CO teria seus motivos para nos responsabilizar pela queixa da agressão na polícia. Vejam as expressões: “mesmo crendo verídica a afirmação da TPOR” (A LBI prolonga a mentira difamadora de PCO, pois não há dúvida alguma ou ambigüidade no desmentido do POR de que Jorge nunca foi seu militante ou simpatizante. O que a LBI deveria ter feito, ao não aceitar nossa declaração como verdadeira, era comprovar com o próprio Jorge ou com o movimento. Jorge aproximou-se como militante de base da formação da chapa, não se contrapondo ao programa. A única crítica que poderia ser feita é que Jorge mostrou não estar preparado para compor uma chapa com um programa revolucionário. Essa é a única responsabilidade do POR. Daí afirmar que o POR foi conivente com a conduta de Jorge é infâmia.). A LBI coloca Jorge como nosso “simpatizante” (a aspa é da LBI). Falso. Jorge, logo após as eleições para o CA, se mostrou hostil a nossas posições, inclusive rechaçou nossa crítica de que ir à polícia contra CO é recorrer à repressão do Estado burguês.

Vejamos agora a primeira das denúncias, ou seja, a de que não denunciáramos PCO pelo agressão gangsteril, porque Jorge havia ido à polícia. Mentira. O POR foi às salas de aula e denunciou a agressão de PCO contra Jorge e condenou o fato do agredido recorrer ao Boletim de Ocorrência. Propôs e convocou uma assembléia para rechaçar a agressão. LBI não se refere a nada disso, pois escreve o que lê na imprensa das correntes e a partir daí faz a maior arruaça. O fato de não termos publicado o acontecido não significa que o POR não quis denunciar o PCO, para acobertar a atitude de Jorge. Nós fizemos a discussão com as bases estudantis, onde os conflitos mostraram-se transcendentais. É mentira a afirmação de que o POR não emitiu “nenhuma palavra sobre a covarde agressão de Jorge” ou que não tenha se colocado contra a ida de Jorge à polícia.

Responda aos seus leitores LBI: vocês sabiam que o POR fez uma campanha contra o método gangsteril de PCO junto aos estudantes? Não, não sabiam. Para os difamadores não é preciso saber de nada. Basta o jogo de dedução do redator esperto. A LBI acusa os métodos gangsteris de PCO, mas não concebe que a difamação é marca também de uma política policialesca.

### **A embrulhada da seita LBI**

O título de seu panfleto “PSTU, PCO e TPOR recorrem à Polícia e à Justiça da burguesia umas contra as outras” mostra bem a embrulhada armada pela LBI. Como o PSTU e PCO se agrediram no 1º de Maio (ver matéria do Massas No 192), a LBI aproveitou-se para incluir o acontecido na USP e enfiar de contrabando o POR como corrente que recorre à polícia.

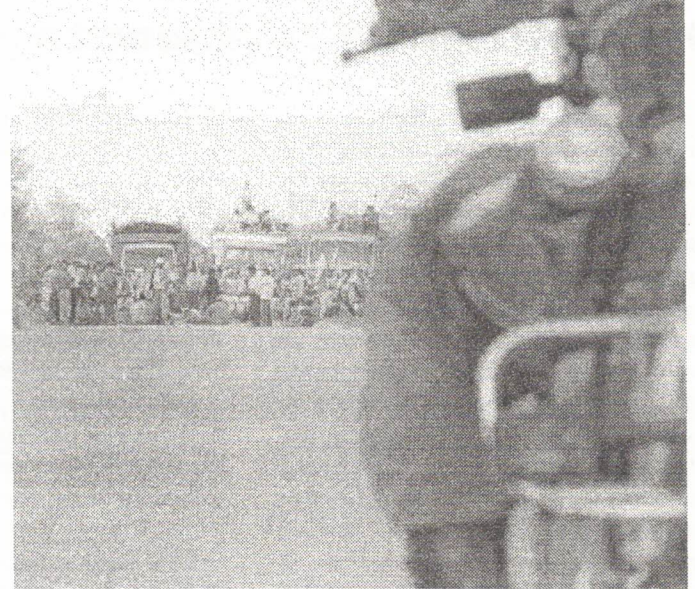
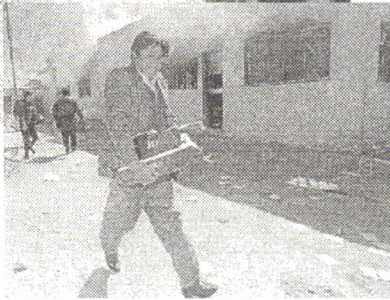
Que a LBI mostre apenas uma prova concreta de que o POR se utilizou da justiça burguesa ou da polícia. Mostramos a safadeza da LBI em ligar Jorge ao POR, tomando por base a mentira de PCO de que ele pertence à nossa corrente. Tanto o PCO quanto o PSTU sim têm se socorrido da justiça, o que sempre condenamos. Agora, meter o POR no mesmo saco é coisa de desclassificado.

Mas o panfleto comete barbaridade não só contra nós. Com ar de exímio analista, o redator da LBI envolve o nome de Osvaldo Coggiola, com clara implicação delatora. Nesse caso, certamente, a LBI não considerará delação. Denuncia-o de ser representante de PO no Brasil e de criar um novo grupo a despeito da presença de PCO ligado ao PO. Coggiola entrou na peça da LBI simplesmente porque o redator mor decidiu explicar que PCO está isolado internacionalmente e que por isso estaria fazendo encenação com o conflito físico com o PSTU. O que tem a ver a “engenheira política de Coggiola” com o entrevero PSTU/PCO? E o que tem a ver Coggiola com a briga das duas correntes e com o fato de PCO ir à polícia contra o PSTU? Nada tem a ver. Mas o grande analista achou alguma pena no angu. Com isso, anuncia aos quatro ventos que Coggiola está a serviço de PO para construir um novo partido no Brasil.

A LBI adora mixórdia. Sua política é uma tiborna. A quem a LBI quer convencer com falcatruas?



*As lutas de estudantes e populares em El Alto colocaram-se no centro da situação política.*



*Os bloqueios de estradas são um método de luta empregado pelos camponeses na Bolívia.*

## O Partido e sua Organização

Proseguimos com a série de textos de formação, escrito por Guillermo Lora iniciado no Massas n.º 160

### Como funciona a célula. A Célula de Fábrica

Já indicamos que a célula de fábrica constitui o verdadeiro cimento organizativo do Partido, mas isto não quer dizer que apareçam células nas fábricas desde o primeiro momento ou em atendimento a nosso chamado; o excessivo atraso do movimento operário, a influência decisiva do estalinismo, do nacionalismo etc., podem impedir que isto ocorra.

Não se contando com um número suficiente de militantes e dada a estrutura particular de classes do país, o trabalho pode se iniciar na classe média (células

de bairro) ou nas universidades.

O correto é não desprezar esse trabalho, deve-se realizá-lo em toda sua plenitude e orientar oportunamente a que todo este conjunto de células façam trabalho na porta de fábrica. A direção detectará em que fábricas deverão se voltar todos os esforços de penetração das células por um determinado tempo (distribuição massiva de propaganda, venda do jornal na porta da fábrica), para que os militantes, ou grupos especializados, cumpram a missão de captar simpatizantes através de uma campanha homem a homem.

Nas fábricas, inclusive nos períodos de maior legalidade, impera um regime

policial imposto pela patronal, o que obriga os militantes a terem um cuidado redobrado, para que não se queimarem prematuramente, nem a eles, nem aos contatos. Há que ensinar-lhes a contar previamente com um grupo de apoio, ou a formar uma célula antes de se lançarem a uma luta aberta, a não revelar sua filiação política, a se esconder no seio das organizações paralelas etc. Por essas considerações, as células de outros setores sociais cumprem a valiosa tarefa de auxiliares no trabalho das fábricas, elas se encarregarão das tarefas que envolvam mais riscos e comprometimentos (difusão da propaganda, por exemplo).

## Autocrítica

No Massas 192, pág. 11, publicamos uma nota intitulada "Professor da Democracia Socialista (PT) oprime estudante universitário", de Mossoró (RN), que contraria posições do POR frente à religião.

Diz: "O Partido Operário Revolucionário (POR) é contrário a toda e qualquer ingerência da religião no ensino. A educação deve ser exclusivamente científica. No entanto, o problema aqui não se refere ao ensino, mas à liberdade

de religião. Esta deve ser garantida não só nas universidades mas em toda sociedade. Algo que não existe sob o regime de exploração capitalista do trabalho".

A defesa da liberdade de religião é burguesa, oposta ao marxismo que a tem como "ópio do povo". A afirmação de que sob o regime de exploração não há liberdade de religião é falsa do começo ao fim. A religião é parte constitutiva da sociedade de classe e vinculada à defesa

da propriedade privada dos meios de produção.

A comissão de redação se autocrítica por ter publicado a matéria sem a devida atenção na leitura e ter permitido que idéias antimarxistas (contrárias ao materialismo dialético) contaminem as posições revolucionárias. Estas deverão ser extirpadas da vida do partido. Sem rigor nas posições, não é possível construir o partido da revolução proletária.

## O que dizem os revisionistas sobre a situação boliviana

Algumas correntes têm descrito um balanço da luta revolucionária na Bolívia. Chama atenção o fato destas correntes terem guardado durante tanto tempo o mais absoluto silêncio sobre a luta das massas bolivianas. Chama-nos atenção também a análise feita sobre a situação revolucionária na Bolívia.

À seita LBI, obrigada pela força dos fatos a romper o silêncio e reconhecer a luta revolucionária na Bolívia, restou apenas a difícil tarefa de diminuir a importância política do POR como “tradicional direção” entre os explorados. Mas como realizar essa difícil tarefa, senão recorrendo a seus costumeiros malabarismos para obscurecer o papel desempenhado pelo POR. Seguindo a trilha enlameada do seu artigo “Ausência de um partido revolucionário permite ao gorila Banzer contornar severa crise política”, iremos encontrar:

“seguinte quase que literalmente os passos da burocracia cobista, o Partido Operário Revolucionário (POR) da Bolívia... restringiu-se apenas a impulsionar uma greve também de 24 horas pela Federação de Professores” (Jornal Luta Operária nº 42). Mas os malabarismos são tantos que a própria seita, acaba por reconhecer a imponente luta dos professores e estudantes (setores tradicionalmente impulsionados pelo POR) como vanguarda do processo: “La Paz foi transformada em uma praça de guerra com estudantes, professores e servidores enfrentando durante vários dias as FFAA e a polícia” (Luta Operária nº 42). E mais adiante: “O criminoso acordo com a CSUTCB, com o aval da igreja e da direção da COB, sequer garantiu o fim do estado de sítio, que somente foi suspenso no dia 20 de abril quando o governo já tinha o controle da situação política após dispersar as mobilizações estudantis” (idem). Aturdida, a seita é obrigada a dizer logo a que veio.

O desespero por provar o suposto “nacionalismo” do POR e ser este um “apêndice dos militares” combina-se com a estupidez e a burrice. A esse respeito quer fazer crer que o POR defende a tática de “subordinação à oficialidade progressista, que representa uma fração da burguesia dentro das FFAA” sendo “apêndice dos militares nacionalistas” (idem) em oposição à tarefa de “construir milícias de autodefesa... como fizeram embrionariamente os lutadores de Cochabamba que incendiaram os quartéis e se enfrentaram com a polícia e o exército, inclusive deixando baixas do lado dos repressores” (idem). A esse respeito cremos não ser mais necessário refutar as tolices infundadas da seita, já que o POR esteve na

base das mobilizações estudantis e docentes de Cochabamba e principalmente La Paz que, segundo a própria LBI, “enfrentaram durante vários dias as FFAA e a polícia.” Poderia o POR agir como “apêndice dos militares” e organizar a luta nas ruas contra a mesma gendarmeria? Ao que parece o que desmoronou como castelo de cartas foi a falsificação da seita apodrecida (veja artigo sobre a difamação da LBI neste jornal).

Mas analisemos a política militar proletária já mostrada pela seita. A LBI trata de reeditar para a Bolívia a mesma política sectária e reacionária frente à greve das PM's em 97. As greves de setores da polícia na Bolívia com resistência aos altos comandos registrando-se inclusive casos de deserção de tropas enviadas para reprimir levantes populares expressaram a profunda desagregação da burguesia nativa e de seu aparato repressivo. Já tratamos de desmascarar no Massas nº 138 a política sectária e suas posições reacionárias frente às greves das polícias quando “admite que as greves das polícias potenciam “um quadro de desagregação do Estado Burguês” e conclui que “não é apoiando as reivindicações da polícia a melhor forma de acelerar a fissura aberta no seio das próprias classes dominantes” (Jornal Massas nº 138). O combate à greve “reacionária” coloca a LBI no campo dos que desejam a estabilidade do Estado. No caso boliviano, podemos também comprovar que os detratores prestam um enorme serviço à burguesia cada e seus governos gorilas ansiosos de tentar garantir a estabilidade do regime e reestruturar as FFAA em decomposição. Longe do pseudo-trotskismo das seitas é preciso assinalar a verdadeira política militar do proletariado que consiste em aprofundar a quebra da hierarquia, defender o direito de sindicalização, reajuste salarial para ganhar o melhor das FFAA para a revolução proletária.

Na Bolívia, a imponente marcha das massas contra a privatização, contra a erradicação do cultivo da coca, o desemprego e a resistência à repressão (Estado de Sítio) desencadeada pelo gorila Banzer, além do fim das ilusões democráticas, vem demonstrando o acerto político do POR e a vigência da situação revolucionária em desenvolvimento que potencia o proletariado e seu partido (POR) no sentido de converter-se em direção física das massas rumo à revolução proletária.

### O verdadeiro conteúdo do “esquerdismo” pseudo-trotskista da LBI

A plenária do Movimento de Luta Popular e Sindical, organizado pelas correntes de

esquerda da CUT ocorrida em março/99 e convocada para impulsionar o movimento pelo Fora FHC constitui um momento importante para desmascarar a impostura da seita e seus zig-zagues. Analisemos para isso as suas posições expostas no artigo “Com que programa devemos lutar pelo Fora FHC” publicado no jornal Luta Operária nº 34. O movimento pelo Fora Collor (impeachment de 1992) assim como do Fora Cubas no Paraguai, etc. são o exemplo da tática operada pela burguesia com apoio da frente popular (de mudança pacífica do governo), para salvaguardar o regime burguês, em decomposição e ameaçado pelas constantes crises políticas. Trata-se de um rearranjo de forças das frações burguesas dentro do estado, sem qualquer ameaça às suas instituições, na qual joga um papel importante o reformismo, e o estalinismo ao submeterem o movimento popular e operário etc. às frações burguesas, por meio de aliança com os setores “progressistas” (PMDB etc). O caminho traçado para tanto é o de canalizar as greves e manifestações que tendem a chocar-se contra o plano pró-imperialista para saídas no marco constitucional.

O Fora FHC defendido pelo centrismo (PSTU) e outras correntes internas dentro PT pretende reeditar o Fora Collor, mas com um conteúdo eleitoralista. Frente a isso, a LBI apenas formalmente se coloca pela estratégia do Abaixo FHC, defendendo que “o Fora FHC não pode ser uma política que sirva para reacomodar os interesses burgueses em disputa, mas para mobilizar as massas contra o regime e todas as alternativas institucionais que vêm se desenhando no atual cenário político” (Jornal Luta Operária nº 34 abril/99). Completa dizendo que há “enormes limitações impostas ao movimento com a simples adoção do Fora FHC, carente de uma estratégia e de um programa revolucionário” (idem). A crítica da LBI ao PSTU é precisamente essa. De que os centristas, com sua consigna de “Eleições Gerais já”, “não estará dotando o Fora FHC de um conteúdo revolucionário” (idem). Vemos aqui o exemplo do verbalismo radical dos pseudo-trotskistas que endossam a política eleitoralista promovida pelos centristas, propugnando-se a fazer apenas alguns remendos na estratégia capituladora, terminando por converter-se na ala esquerda do centrismo.

Ao contrário, é preciso assinalar a verdadeira estratégia a ser seguida pela classe operária e demais oprimidos que deve ser organizar em torno de um autêntico programa revolucionário que não deixe dúvidas sobre a tática da ação direta e da estratégia de derrubada do Governo pela via insurrecional (*Abaixo FHC*).

## Bolívia

# Continuam os Movimentos de protestos em todo o País

Engana-se quem pensou que a luta do povo boliviano acabou com o fim da decretação do Estado de Sítio. As massas bolivianas, encarnando o programa trotskista, continuam as lutas em todos os pontos do país. Seu objetivo é varrer o governo corrupto, narcotraficante de Banzer e pôr fim ao capitalismo.

### “Não à mudança do regime tributário”

No dia 22/05/2000, cerca de 250 mil trabalhadores informais saíram em marcha de protesto contra a reforma tributária que acabaria com alguns de seus atuais benefícios. Ambulantes de Cochabamba, Santa Cruz, La Paz, Tarija, Sucre e Oruro fecharam os mercados e se trasladaram para as principais ruas das cidades, onde paralisaram por mais de três horas o tráfego de veículos. “Na maioria somos pequenos comerciantes e com o novo Código Tributário se pretende suprimir o Regime Simplificado, este fato nos vai afetar muito, vamos ter de pagar mais além do imposto da Prefeitura, disse Wálter García, secretario ejecutivo de la Federación dos Ambulantes de La Paz. Os marchistas, 90% mulheres carregando nas suas costas seus filhos, qualificaram-na como “a lei maldita”, advertindo que radicalizarão seus métodos de luta.

### Professores exigem liberdade para Vilma Plata

No dia 23/05/2000 os professores urbanos La Paz marcharam contra a ordem de prisão da dirigente Vilma Plata. Na marcha, se somaram os trabalhadores da Saúde, da Universidade e dos Correios, setores que formam o Pacto Intersindical.

A direção do Sindicato anunciou também o início de uma greve de fome do setor, por melhorias salariais, e o rechaço ao aumento dos preços da gasolina e à sentença contra Vilma Plata.

### Bloqueio de estradas em Cochabamba

No dia 25/05/2000, ocorreu uma greve geral seguida de bloqueio de estradas na cidade de Sacaba ; Cochabam-

ba. Isto ocorreu depois que a Justiça passou a região de Pacata para a jurisdição da cidade de Cercado. É importante notar como os bolivianos não acreditam mais nem no parlamento, nem na justiça, e, ao invés de apelar para as instâncias do Estado burguês, partem para a ação direta por suas reivindicações.

### Greve de 24 horas dos pilotos ameaçou as atividades do país

No dia 26/05/2000, ocorreu uma paralisação dos pilotos nos vôos nacionais e internacionais, em protesto contra a permissão para que a aerolínea TAM-Mercosul possa operar no país nas mesmas rotas já oferecidas pela LAB e pela AeroSur.

### Um dia de fúria na cidade de El Alto

No dia 29/05/2000, em El Alto, Cidade vizinha a La Paz, mais de três horas e meia de violência terminaram com pelo menos dois policiais feridos, vários órgãos da prefeitura saqueados e queimados. A jornada de protesto foi convocada por várias organizações alteñas,

A manifestação pedia a criação imediata dia Universidade Autônoma dessa cidade, mas também protestou contra o aumento das taxas de limpeza urbana e o aumento de impostos aos comerciantes.

A marcha foi tranqüila até a chegada no prédio da Prefeitura, quando a polícia tentou dispersá-la com uma grande quantidade de gás lacrimogêneo. Os manifestantes responderam à agressão policial a pedradas. Logo que o gás lacrimogêneo terminou, os policiais se viram obrigados a responder as pedras com pedradas. A vantagem numérica dos manifestantes se impôs e os manifestantes ingressaram na Prefeitura.

### Bóias-frias bloquearam entrada na La Bélgica

No dia 29/05/2000, uma marcha de trabalhadores agrícolas de Montero, região de Santa Cruz de La Sierra, chegou até a porta do engenho La Bélgica, onde bloquearam a estrada. A mobilização era um protesto pelo não atendimento das reivindicações formuladas no ano passado, que não obtiveram respostas nem dos donos dos canaviais, nem dos engenhos.

### Prefeitura desaloja grevistas de fome

Em 29 de maio, a prefeitura de Cercado, em Cochabamba, conseguiu durante a noite desmobilizar a greve de fome que há 11 dias vinham realizando os trabalhadores da Empresa Municipal de Serviços e Asseio (EMSA), com o compromisso de atender algumas de suas reivindicações. Havia uns 100 funcionários de Obras Públicas que decidiram apoiar a greve. Com o pré-acordo entre prefeitura e o sindicato, alguns dos grevistas se negaram a levantar o movimento até ter respostas concretas do Prefeito

### Governo Rechaça a Marcha

Cochabamba. A Coordenadoria de Defesa da Água e da Vida programou uma mobilização exigindo do governo que assuma a dívida de cerca de 30 milhões de dólares da Semapa (Companhia de água). Além de rechaçar a concessão da empresa de água a uma companhia privada, e de questionar o aumento paulatino dos combustíveis, assim como a demissão de trabalhadores de diferentes empresas públicas e privadas.

Colocando-se contra a mobilização, existe o Centro de Concertación (Acordo) Regional (CCR) cuja representante presidencial anunciou a realização de uma reunião de avaliação onde avaliarão os projetos.

### Situação convulsiva na Bolívia

A descrição desses movimentos que se dão após o levantamento do Estado de Sítio demonstra que permanece a tendência de revolta dos explorados, que não suportam a situação de fome e miséria.

O POR boliviano vinha apontando a existência de uma situação revolucionária na Bolívia, motivo de ataque dos adversários de esquerda e de direita. Parece que agora se calam contra essa caracterização. Mas sempre encontrarão algum motivo para combater o mais sólido partido trotskista.

O POR brasileiro se coloca pelo internacionalismo proletário, pela reconstrução da IV Internacional, por isso marcha ao lado do POR boliviano.

## Vilma não se dobra, simboliza a luta e vitória revolucionárias

O Juiz Solares - renegado e laçao do fascismo - encarcera o foro sindical, a luta dos oprimidos por mais pão. Serve ao fascismo contribuindo com a destruição do sindicalismo. Acusada de conspiradora, Vilma Plata respondeu que continuará conspirando. Há que se lutar com tenacidade para alcançar a vitória da revolução, para enterrar aos ditadores, juizes apodrecidos e vendidos ao imperialismo.

### Liberdade a Vilma Plata

Diante da sentença de um ano de prisão para a lutadora do magistério, os universitários assinam o seguinte:

1. Não há como se confundir, a sentença efetuada pelo Juiz foi política e ordenada diretamente pelo Palácio Executivo. Banzer e sua camarilha não podem enganar aos explorados bolivianos vestindo-se de democratas. O gorila continua sendo fascista.

A prisão da valorosa companheira é parte da campanha sistemática, levada em todo país, para silenciar os revolucionários trotskistas. O fascismo (corrente ultradireitista) é extermínio físico das organizações sindicais da classe operária e principalmente de sua organização revolucionária. Mas o que não levam em conta os ditadores é que as maiorias, principalmente as classes médias, não o respaldam, pelo contrário, os combatem sem trégua, por isso



*A dirigente da Federação dos Professores de La Paz e militante do POR, Vilma Plata.*

o governo está só e debilitado. Portanto, não tem condição prévia para a instauração e consolidação de um regime fascista e não se realizar como tal.

O governo uma vez mais erra, em vez de rebaixar a revolucionária a potencializar cem mil vezes mais diante dos olhos das massas.

2. Para as massas não é novidade esta sentença. É pão de cada dia, na Bolívia,

que se encarcerem os trabalhadores pobres e se premeie aos ricos que fizeram fortuna assaltando os cofres do Estado e as Prefeituras. Os ladrões de colarinho branco caminham soberbos pelas ruas porque contam com a cumplicidade do Poder Judiciário.

O conjunto de leis e todas suas instituições judiciais não são mais do que a expressão jurídica normativa, no plano estrutural, da defesa da grande propriedade dos meios de produção, isto é, dos interesses da classe dominante contra os interesses dos despossuídos, da classe operária.

Portanto, nossa luta também é por sepultar esta sociedade destruidora do homem e da humanidade em seu conjunto, para instaurar o comunismo.

3. Os universitários da UMSA se somam à luta do povo explorado pela liberdade da revolucionária Vilma Plata e convocamos os diversos setores de trabalhadores a coordenar medidas de pressão para arrancar nossa companheira das garras das bestas fascistas.

Assina:

Centro de Estudantes de Eletrônica e Telecomunicações da Faculdade de Tecnologia - UMSA

(extraído do Masas boliviano nº 1715, de 26/5/00)

## Defendamos, no Brasil, junto com os trabalhadores bolivianos, Vilma Plata

O governo boliviano decretou a prisão da dirigente do sindicato do magistério de La Paz e militante do Partido Revolucionário da Bolívia Vilma Plata. Essa revolucionária se destacou por encabeçar as greves dos professores e por defender a unidade dos explorados para pôr fim ao governo fascista e

pró-imperialista de Banzer. Quer dizer: destruir o poder da burguesia e constituir um governo operário e camponês (ditadura do proletariado), um governo da maioria nacional oprimida.

O que se passa na Bolívia é o mesmo que estamos passando no Brasil com prisões de sem-terra e, nesse momento,

de professores grevistas que resistiram bravamente à invasão do governador Mário Covas ao acampamento para quebrar o bloqueio da Secretaria da Educação.

Em todo movimento e por toda parte, levantemos a bandeira de Liberdade a Vilma Plata.